

SENTINDO COM O OUTRO: A DIMENSÃO PÁTICA-ESTÉTICA DA EXPERIÊNCIA HUMANA*

Sensing with the other: the pathic-aesthetic dimension of human experience

Sintiendo con el otro: la dimensión pático-estética de la experiencia humana

MÓNICA BOTELHO ALVIM

Resumo: Este artigo discute a dimensão sensível da experiência e suas implicações na experiência da alteridade. Explorando as ideias de aparecimento, formação de figuras, consciência, corporeidade, expressão, movimento e alteridade, desenvolvemos um diálogo com a Gestalt Terapia para contribuir para uma compreensão mais ampla do sentido como emergindo de um terreno comum. Esta concepção é expressa na noção de pathos, que é cuidadosamente discutida em termos de campo, contato e teoria do self. A conexão original com o mundo como um estado de indiferenciação é o coração da experiência estética. Vivemos uma experiência estética quando e onde quer que haja uma integração sensorio-motora, e o movimento e a expressão se desdobram como espontaneidade a partir da qual podemos nos encontrar e sentir com o outro. Esta concepção tem implicações importantes para a prática clínica da Gestalt, que pode ser vista como um encontro empático com o outro.

Palavras-chave: Pathos; Fenomenologia; Gestalt-terapia; Awareness; Id da situação

Abstract: This article discusses the sensing dimension of experience and its implications in the experience of otherness. By exploring the ideas of appearing, figure formation, consciousness, corporeality, expression, movement, and otherness, a dialogue is developed with Gestalt therapy to contribute a broader understanding of sense as of a common ground. This conception is expressed in the notion of pathos, which is carefully discussed in terms of field, contact, and self theory. The original connection with the world as a state of undifferentiation is the realm of aesthetical experience. We live an aesthetic experience whenever and wherever there is sensory-motor integration. Consequently, movement and expression unfold as spontaneity from which we can meet and feel with the other. This conception has important implications for Gestalt therapy's clinical practice, which can be seen as an empathic encounter with the other.

Keywords: Pathos; Phenomenology; Gestalt therapy; Awareness; Id of the situation

Resumen: Este artículo discute la dimensión sensible de la experiencia y sus implicaciones para la experiencia de la alteridad. Explorando las ideas de apariencia, formación de figuras, conciencia, corporeidad, expresión, movimiento y otredad, desarrollamos un diálogo con la Terapia Gestalt para contribuir a una comprensión más amplia del significado que surge de un terreno común. Esta concepción se expresa en la noción de pathos, que se analiza cuidadosamente en términos de campo, contacto y teoría del self. La conexión original con el mundo como un estado de indiferenciación está en el corazón de la experiencia estética. Vivimos una experiencia estética siempre y cuando hay una integración sensoriomotora, y el movimiento y la expresión se despliegan como espontaneidad desde donde podemos encontrarnos y sentirnos con el otro. Esta concepción tiene implicaciones importantes para la práctica clínica de la Gestalt, que puede ser vista como un encuentro empático con el otro.

Palabras clave: Pathos; Fenomenología; Terapia Gestalt; Awareness; Id de la situación

* O presente manuscrito é a tradução para o português brasileiro, realizada pela própria autora, de artigo originalmente publicado na revista Gestalt Review (ISSN 10848657), Vol. 25, n. 1, p. 31-63, 2021. Doi: <https://doi.org/10.5325/gestaltreview.25.1.0031>, com o título "Sensing with the Other: The Pathic-Aesthetical Dimension of Human Experience". Agradecemos à editoria do Gestalt Review e à Penn State University Press pela autorização para tradução e publicação em português.

Não há visão sem pensamento.
 Mas não basta pensar para ver: a visão é um
 pensamento condicionado,
 nasce “em virtude” do que acontece no corpo,
 é “excitada” a pensar por ele.
 Ela não escolhe ser ou não ser, nem pensar isto
 ou aquilo.
 Ela deve trazer no seu coração este peso,
 esta dependência que não lhe podem advir de
 uma intrusão exterior (...)
 há no seu centro um mistério de passividade
Maurice Merleau-Ponty (2013, p. 43).

Adotar uma das teorias ou perspectivas filosóficas que compõem os fundamentos da Gestalt-terapia e explorar cuidadosamente sua presença e influência nos conceitos e métodos gestálticos são modos frutíferos de fazer avançar e crescer essa abordagem. Explorar a Gestalt-terapia a partir de um diálogo estreito com a fenomenologia tem auxiliado no desenvolvimento de minhas pesquisas. Tal exploração filosófica tem crescido, afirmando-se como um caminho que hoje é seguido por muitos Gestalt-terapeutas em diferentes partes do mundo.

Podemos encontrar diferentes nuances nesse diálogo, o que reflete, entre outros fatores, a diversidade do campo da filosofia fenomenológica. Há diferenças significativas, por exemplo, entre Edmund Husserl (1859-1938), Martin Heidegger (1889-1976), Maurice Merleau-Ponty (1908-1961) e Hermann Schmitz (1928-) e a chamada “*New Phenomenology*”. A compreensão das noções de intencionalidade e percepção, assim como o papel do sujeito e do corpo na produção dos fenômenos são exemplos de dimensões que podem apresentar diferenças se comparamos as abordagens desses filósofos, ainda que todos façam parte do campo da fenomenologia. Da mesma maneira, as pesquisas desenvolvidas por muitos teóricos da Gestalt-terapia revelam nuances diferentes, que variam de acordo com a perspectiva fenomenológica adotada e, conseqüentemente, da leitura que fazem da Gestalt-terapia a partir dessa compreensão, tanto no que diz respeito a conceitos como a temas clínicos. As noções de campo, self, contato e *awareness* são alguns dos temas fundamentais de nosso método clínico que vêm sendo explorados e expandidos ao longo do desenvolvimento da Gestalt-terapia, de modos singulares, em diálogo com diversas perspectivas fenomenológicas.

De uma perspectiva principalmente inspirada por Merleau-Ponty e por compreender a corporeidade e a dimensão sensória da experiência como o fio tecendo a trama dos domínios ético, estético e político da existência humana, procuro em minhas pesquisas desenvolver uma investigação dessas dimensões em psicologia, filosofia, artes e estética para demonstrar as formas pelas quais esse tecido é

feito e suas implicações no que diz respeito à Gestalt-terapia.

Neste artigo, discutimos a dimensão pática e sensível da experiência e sua implicação na experiência do outro. Propondo um diálogo interdisciplinar, Erwin Straus (1891-1975), Maurice Merleau-Ponty e Jan Patocka (1907-1977) são fenomenólogos que trazemos para participar desta conversa, estreitamente relacionada ao problema fenomenológico do aparecer e o status da consciência nesse processo, tal como discutiremos. Nossa intenção é explorar os fundamentos da ideia de que a dimensão pática e sensível é a origem da produção de sentidos, assim como investigar como o outro está implicado nesse momento originário.

Tonino Griffero (2006), um filósofo italiano que discute Estética e Fenomenologia, propõe recuperar a concepção de Baumgarten da estética como conhecimento sensível¹, visando contrastar essa concepção ao “Dogma racionalista-pós-iluminista” e a noção de presença à consciência. Griffero critica a ideia de aparecer a uma consciência como objeto intencional, optando por colocar ênfase no modo como os aparecimentos ressoam em nosso corpo vivido, o que significa professar o pático. A estética pática implica envolvimento afetivo, o qual é, de acordo com ele “o coração da esfera estética (...) muito mais que arte e beleza” (Griffero, 2006).

Em um sentido semelhante, o argumento seminal de Laura Perls de que os conceitos da Gestalt-terapia são filosóficos e estéticos enfatiza essa dimensão. Consideramos, assim, que tanto a Gestalt-terapia quanto a fenomenologia são “poéticas da experiência” que entrelaçam dimensões ética, estética e política.

1. A Relação Pessoa-Mundo como Totalidade Originária – A Dimensão Pática

Para pensar na dimensão pática como uma totalidade originária precisamos precisar nossa compreensão acerca do pático. O sentido atual mais comumente atribuído a *pathos* está relacionado a doença e sofrimento, o que deriva do sentido etimológico de *pathos* como paixão: ser atingido ou sofrer, ser afetado. Pensar em *pathos* nos leva quase imediatamente a pensar em doença, o que em psicologia está expresso no termo psicopatologia. Tal compreensão de *pathos* pressupõe uma oposição a agir ou ser ativo, oposição que tem origem no pensamento moderno e cuja discussão tem grande importância para o campo da fenomenologia e da Gestalt-terapia, como discutiremos.

O sentido mais original de *pathos*, descrito pelos filósofos gregos, está relacionado a um estado afetivo de ser no mundo, uma sintonia da ordem do afeto que é anterior ao pensamento, à reflexão

¹ Baumgarten (1714-1762) enfatiza que esse “conhecimento” é diferente de um saber reflexivo, sendo subordinado à sensibilidade.

e à linguagem. Para eles, filosofar implica *pathos* (Heidegger, 1991), ou seja, ser afetado de modo passivo, no sentido de sofrer uma afecção, espantar-se e admirar-se com as coisas. É essa capacidade de se admirar que nos move em busca do sentido das coisas, do mundo e de nossa própria existência.

A vivência pática implica, antes de tudo, uma abertura para o mundo anterior ao pensamento reflexivo, uma ligação original com o mundo que nos põe como parte de uma totalidade, em correspondência e sintonia. É essa sintonia que nos permite ouvir, na forma de uma afetação sensível, os clamores do mundo. Para Heidegger (1991) o filosofar envolve a capacidade de ouvir o apelo do Ser dos entes. O Ser é compreendido por ele como uma totalidade que reflete a verdade daquilo que é, como temporalidade e desvelamento e não como essência dada a priori. É nesse sentido que Merleau-Ponty (1960) pensa o trabalho de criação do pintor como expressão que, longe de ter uma origem subjetiva ou interior, é uma espécie de resposta que emerge do campo, resposta que dá voz ao silêncio a partir de uma linguagem indireta, a pintura. Dar voz àquilo que se desvela na presença sensível, como afetação, *pathos*.

Assim, a origem filosófica da noção de *pathos* está relacionada ao próprio ato de filosofar. Buscar a verdade ou o sentido implica estar sintonizado e admirar-se como a experiência originária que move os seres humanos na direção de uma compreensão profunda do mundo e da existência.

A dimensão pática envolve ser no mundo, ser parte de uma totalidade que é originária. A essência da vida está nessa dimensão, um estado de indiferenciação original, onde não há sujeito separado do mundo. Onde tudo o que há é um campo indiferenciado de onde tudo se origina como diferenciação.

A palavra grega *hipokeymenon* significa o que jaz-debaixo ou sub-jaz – de onde se forma a palavra ‘sujeito’ - e foi empregada na ontologia de Aristóteles na discussão da substância primeira, ou seja, a essência da vida. Para os gregos, *Hipokeymenon* indicava não o homem, mas a ousia primeira, o que subjaz e é sem predicados, ou seja, “aquele além do qual não se pode nomear, predicar, nem significar, apenas indicar” (Agamben, 2017, p.144). Indicar é expressar corporalmente, movimento corporal dado como *pathos*: estar sintonizado, admirar-se e mover-se em direção a. Essa concepção considera essa dimensão originária como o fundamento da vida e da filosofia, o que implica um movimento eterno de busca e abertura à incerteza.

1.1 - A busca de certeza e o abandono de *pathos*: subjetivismo e dualismo

Heidegger (1991) discute o fato do termo *hipokeymenon* - ou sujeito - ter passado, na modernidade, a indicar estritamente o homem,

a subjetividade, a interioridade. Só então “o ego se transforma no sub-jectum por excelência, e, desta maneira, a essência do homem penetra pela primeira vez na esfera da subjetividade no sentido da egoidade”. (Heidegger, 1991, p. 35). Ele assinala que, desde a revolução cartesiana a certeza tomou o lugar do espanto no *pathos* filosófico “A disposição afetiva da confiança na absoluta certeza do conhecimento a cada momento acessível permanece o *pathos* e com isso a *arkhé* da filosofia moderna” (op.cit). De fato, o argumento seminal proposto por René Descartes (1596-1650) foi “Cogito ergo sum” (penso, logo sou), atribuindo ao sujeito pensante a origem do que é essencialmente.

A busca de certeza presente na filosofia moderna tem como expressão última uma concepção que pressupõe que a verdade seja obra de um sujeito pensante, afastado da experiência, alijado da dimensão sensível e do corpo, fechado sobre si, decorrendo daí uma noção interiorizada de subjetividade radicalmente separada do mundo, considerada a origem de tudo o que é. A consequência é o problema dos dualismos, que tem seu ponto culminante na filosofia moderna; ao separar pensamento (cogito) e extensão como duas substâncias diferentes e subordinar a extensão ao cogito, Descartes instaura uma noção da extensão como matéria inerte, retirando dela qualquer caráter de vida. Renaud Barbaras, inspirado no pensamento de Hans Jonas², propôs em um seminário na Universidade Paris 1- Patheon Sorbonne, em 2017 (“*L'appartenance. Vers une phénoménologie de la chair*”) que a negação da vida e dominação ontológica da morte instaurada no pensamento filosófico moderno foi precedida por uma ontologia universal da vida ou ontologia espontânea, que preconizava a comunidade ontológica de todos os seres. Nessa concepção pré-moderna, o nosso ser – humano – participava também do que não é ele – o ser do mundo ou, acrescentaríamos, *hipokeymenon*.

Pensar a dimensão do *sensing* como totalidade originária implica, de algum modo, em retomar o sentido grego de *hipokeymenon*. Como algo que não se pode nomear, predicar ou significar, apenas indicar, o que subjaz não é da ordem do conhecimento ou gnose, mas da ordem do sentir, do afeto ou *pathos*, inseparável do gesto e do movimento.

A noção de *pathos* é precursora dos conceitos de *attunement* e disposição afetiva desenvolvidos por Heidegger (Oele, 2012, p.1), o que pode ser relacionado à nossa discussão sobre a Gestalt-terapia e os critérios estéticos, assim como à noção de *id* da situação, como desenvolveremos mais à frente, neste artigo. Henry Maldiney (1912-2013)³ ressalta

² Renaud Barbaras (1955-) é um filósofo francês de tradição fenomenológica, cujos interesses principais são os pensamentos de Husserl, Patocka e Merleau-Ponty. Ele desenvolveu uma filosofia própria a qual denominou “Fenomenologia da vida”. Hans Jonas (1903-1993) é um filósofo alemão cujos principais interesses são fenomenologia, ética, epistemologia, teologia e gnosticismo.

³ Henry Maldiney é um filósofo francês cujos campos de reflexão são a

o gesto como algo que não pode ser reduzido a um simples signo, mas como modo de presença que é comunicante dentro de um mesmo *attunement* (*Stimmung*). Tal como Charcosset & Rodorf (1973, p.VIII) afirmam, ao apresentar uma das obras de Maldiney, para ele “o sentido da *Stimmung* não é melhor manifesto em nenhuma parte senão na arte. O mundo de desvela ali em uma sensação: ‘Sensação, revelação’, afirmou G. Braque”.

Fenomenologia, arte e estética contribuíram para retomar a noção de *pathos* que havia sido perdida e que permanecia relacionada à ideia de perda de controle, fraqueza e doença. No campo da psicologia, a Gestalt-terapia também contribuiu para uma perspectiva não-dicotômica que reabilita *pathos* ao enfatizar a experiência, como desenvolveremos a seguir.

1.2 - O contraponto ao dualismo e ao abandono da noção de pathos: experiência e sensing na arte, fenomenologia e psicologia.

Entre os séculos XIX e XX uma nova volta na espiral da vida e do pensamento surge como resposta aos dualismos, ao racionalismo e ao cientificismo daí decorrente. Esse movimento, que envolve a redescoberta dos sentidos e da experiência - em contraposição a uma ciência totalitária que se coloca como a única forma de produção de verdade e que busca simplificar a complexidade através de lentes objetivistas e racionalistas - está presente em diversos campos na passagem do século XIX ao século XX: Einstein e a teoria da relatividade; Heisenberg com o princípio da incerteza e a noção de campo na Física; as geometrias não-Euclidianas que transformam a noção de espaço, na Matemática; Prigogine e a imprevisibilidade dos fenômenos químicos; a fenomenologia de Husserl na Filosofia, o gestaltismo na psicologia, a arte moderna. Estas foram influências fundamentais para o desenvolvimento ulterior da Gestalt-terapia, especialmente na adoção de um pensamento gestáltico e uma perspectiva de campo como resposta ao pensamento psicológico dicotômico e associacionista, como discutiremos mais adiante neste artigo.

1.2.1 - A arte moderna

A arte moderna teve como um de seus impulsos a reabilitação da dimensão sensível. De acordo com Merleau-Ponty (2004) “um dos grandes feitos da arte moderna e da filosofia... foi permitir a nós redescobrir o mundo em que vivemos, mas que somos sempre tentados a esquecer” (p. 7). O caráter inovador da arte moderna, que introduz essa passagem ao sensível e à experiência, pretende provocar a instauração de novos sentidos para o mundo, reaproximar arte e vida. O manifesto suprematista de 1915, escrito pelo artista russo Kasimir Malevitch (1879–1935) e outros colaboradores, como o poeta

fenomenologia, arte, estética e psicopatologia.

Vladimir Maiakovsky (1893–1930), tinha como reivindicação central alcançar a supremacia da sensibilidade, visando libertar o espaço da arte dos objetos figurados para transformá-lo em um espaço não-representativo. Malevitch encontrou na imagem do deserto a expressão máxima da sensibilidade: um espaço vazio, livre dos objetos, das representações. No seu deserto só subsiste a sensibilidade, que “se torna a substância mesma da vida” (Malevitch, citado por Gullar, 1999). O deserto, vazio absoluto, nega o mundo dos objetos buscando retomar a sensibilidade perdida quando se está preso às representações.

1.2.2 - Fenomenologia

No âmbito da filosofia, a fenomenologia emerge como uma tradição filosófica que responde ao problema do dualismo reabilitando a percepção, o corpo e a dimensão de *sensing* (sentindo). A filosofia de Husserl inaugura a fenomenologia e sua proposta de redução fenomenológica consiste numa proposta metodológica que se oferece visando suspender provisoriamente as representações e teses, sejam aquelas científicas ou da atitude natural, para atingir o *eidos*, o nascimento do sentido. Compreendendo o fenômeno como aquilo que aparece na percepção, o filósofo alemão busca ultrapassar as concepções dicotômicas presentes tanto na filosofia quanto na ciência e, com a noção de intencionalidade inaugura um princípio de correlação entre sujeito e mundo, dado na aparição do fenômeno.

O objeto de investigação da fenomenologia é o *aparecer* e não o *que aparece*, ou seja, a fenomenologia se interessa pelo modo de emergência do fenômeno e não pelo objeto que aparece a um sujeito. Ela se pergunta pelas condições do aparecer e para isso tem que lidar com um problema: “a aparição como aparição de algo determinado, encobre o aparecer, isto é, a cena dessa aparição” (Barbaras, 2011, p.96). A *epoché* busca, assim, esvaziar o campo da experiência de objetos e teses para ver o nascimento do sentido, o aparecendo daquilo que aparece, um acontecimento que se desdobra no presente da experiência no mundo. Desse modo, um procedimento descritivo se apresenta inicialmente como método por excelência.

Merleau-Ponty parte também do pensamento husserliano para propor uma concepção não dicotômica das relações pessoa-mundo. O filósofo encontra na noção de estrutura do comportamento os elementos para superar a distinção de psíquico e fisiológico, sujeito e mundo externo. Estabelecendo um diálogo muito próximo com a psicologia, ele explora inicialmente a noção de forma da psicologia da Gestalt como surgimento espontâneo no seio da estrutura sujeito-mundo. O “aparecendo”, esse acontecimento que se dá como como desdobramento temporal, não pode ser objeto de explicação, mas somente de um procedimento descritivo. Ele torna o corpo e a percepção temáticas centrais em sua obra,

e investigando o mundo intersubjetivo, a história, o estatuto da natureza, ele desenvolve um pensar filosófico que desemboca em uma ontologia da carne, momento em que é dado um passo decisivo, uma verdadeira inflexão em seu caminho.

1.2.3 - Psicologia: Erwin Straus e Gestalt-terapia

No campo da psicologia, destacamos o pensamento de Erwin Straus, neuropsiquiatria alemão que foi um dos mais importantes precursores de uma concepção que busca recuperar a dimensão sensível como o âmbito originário de uma totalidade sujeito-mundo. Ele propõe uma abordagem fenomenológica para a psicologia (Straus, 1935/2000) e a partir de uma profunda exploração da influencia cartesiana na filosofia e na psicologia, Straus oferece novas bases para o pensamento psicológico. De acordo com ele, nas teorias da sensação os sujeitos são considerados ora sujeitos teóricos universais, pura consciência – ora objetos receptores de estímulos. Em ambos os casos, ele afirma, “o sujeito sentiente não é considerado um sujeito vivo” (Straus, 1935/2000, p.32).

Ele critica a psicologia da época, opondo-se ao behaviorismo de Watson de modo muito incisivo e promovendo diversas críticas à psicanálise de Freud, mostrando que ambas, de modos distintos, sucumbiram aos dualismos. Para ele:

A psicologia deve, essencialmente, tratar da experiência, seu “único tema autêntico (...) a psicologia deveria se ocupar dos seres que experienciam e não do espírito ou do intelecto, do sistema nervoso, da consciência ou dos dados da consciência, não dos estímulos e respostas motoras (Straus, 1952/1996, p. 36).

Straus afirma ainda que a experiência não deve ser compreendida como entidade abstrata, governada por uma consciência, mas como capacidade do homem e do animal, envolvida com a dimensão pática da vida, que é *sensing*.

Sensing é o modo primário da existência, que não pode ser pensado como separado do mundo. *Sensing* implica uma comunicação imediata com o mundo como totalidade originária. Ele enfatiza a compreensão de *sensing* como vivido e expressa essa compreensão escolhendo a forma gramatical de um verbo no gerúndio, ao invés de referir-se às sensações como substantivos. *Sensing* não significa ter “uma sensação” (substantivo), mas é uma experiência viva que altera a relação com o mundo; *sensing* significa sentir-se a partir dessa relação originária. Ele concebe *sensing* como “um modo de ser-vivo (*lebendiges Sein*)” (Straus, 1935/2000, p. 32) e está interessado no “caráter vivente intrínseco a *sensing*” (p.33). Assim, Straus propõe uma psicologia que resgata a relação fundamental entre sujeito e mundo, compreendendo que essa relação é estabelecida em

uma dimensão “pré”: pré-reflexiva, pré-linguística, pré-predicativa. Essa região da ordem do pático é a região da vida, da animalidade, onde e quando as coisas são ainda não objetivadas, categorizadas ou nomeadas. Onde e quando a consciência não é soberana e não posicionou objetos. Onde e quando, conseqüentemente, não há subjetividade como interioridade, mas como corporeidade, como parte inextricável desse campo-mundo.

A Gestalt-terapia pode ser compreendida como uma psicologia da experiência, que comunga da tradição fenomenológica. Adotando uma perspectiva de campo e concebendo o contato como desdobramento temporal, que começa onde e quando ocorre a experiência da fronteira, a Gestalt-terapia, tal como compreendo, descreve o movimento existencial do ser vivo como um desdobramento de um estado de indiferenciação para outro de diferenciação, o que se dá a partir da experiência espontânea no campo organismo/ambiente.

O livro “Gestalt-terapia” (Perls, Hefferline e Goodman, 1994) apresenta uma nova proposta de psicologia que oferece uma resposta ao pensamento dicotômico. Logo no início do livro, os autores apontam dez dicotomias às quais denominaram “dicotomias neuróticas” que estão presentes universalmente e mais especificamente no campo da psicologia. A primeira delas é a dicotomia corpo e mente, que consideram “quase endêmica” e que está junta de uma segunda, self e mundo externo. A terceira dicotomia, emocional (subjetivo) e real (objetivo) está envolvida com a anterior, é o “resultado da evitação do contato e envolvimento e o isolamento deliberado das funções sensorio e motora uma da outra” (op.cit. pp.17, 18, grifos nossos). Do meu ponto de vista, esse isolamento ou cisão, realizado de modo deliberado, descreve a emergência de um processo reflexivo e é uma importante referência para diferenciarmos *awareness* e *consciousness*, um aspecto que retomaremos adiante. A última dicotomia que os autores indicam é aquela entre inconsciente e consciente, que resulta, em última instância de “uma subestimação da realidade dos sonhos, da alucinação, do jogo e da arte e uma superestimação da realidade do discurso deliberado, pensamento e introspecção” (p.18). Desse modo, mente e corpo, self e mundo, emocional como subjetivo e real como objetivo, consciência e inconsciência, são todas dicotomias a serem contrapostas para permitir propor uma psicologia em novas bases.

Contra essas dicotomias, os autores introduzem o princípio geral da integração em um todo ou Gestalt, e as partes que estavam separadas de modo dicotômico são agora consideradas partes desse todo dinâmico como polaridades. Por exemplo, o “id” e o “ego” são ambos considerados estruturas parciais do self, diferindo apenas em grau. Perls, Hefferline e Goodman (1994)

apresentam a proposta da Gestalt-terapia de modo sólido e sintético, propondo uma concepção de base interdisciplinar para um tipo de psicologia que preconize uma “fenomenologia da *awareness*” (p.25) baseada na experiência no campo organismo/ambiente. A noção de campo organismo/ambiente e *awareness*, assim como a concepção de self como contato são três elementos que sublinhamos na presente discussão.

Por ser uma abordagem em psicologia que preconiza o ser no mundo com o outro, ela concebe a existência de um sujeito (ou organismo) como inseparável do mundo (ou ambiente). A noção de campo organismo/ambiente expressa essa totalidade dinâmica fundamental da qual tudo emerge e que se desdobra em um processo existencial. Ao contrário das concepções de self como entidade interior substantivada, essa perspectiva o concebe como “*selfing*”. Um verbo, ação, movimento, desdobramento temporal, a função self é a “função de contatar o presente transiente concreto” (Perls, Hefferline e Goodman, 1994, p. 149). Existimos como seres situados antes de nos diferenciarmos como indivíduos – nosso envolvimento em cada situação é uma característica definidora dessa função – desde que só há self quando há contato no campo organismo/ambiente, e a função self é parte desse campo ou situação.

Esse processo se dá de modo espontâneo e não é centrado no sujeito ou no mundo, não há determinações – nem do ambiente externo nem do inconsciente – que coloquem o sujeito na posição de pura passividade, tampouco determinações internas que coloquem a consciência na posição de pura atividade. Nessa proposta de fenomenologia da *awareness*, a espontaneidade da forma indica que os movimentos e ações expressivas acontecem no modo intermediário, entre atividade e passividade.

Awareness pode ser definida como “o fluxo da experiência aqui e agora que a partir do sentir e do excitação presente no campo dirige a formação de gestalten” (Alvim, 2014). O princípio básico da *awareness* é a perspectiva de campo. *Awareness* não pode produzir um saber reflexivo ou explícito, já que a consciência reflexiva pressupõe uma interrupção do fluxo de experiência. Re-fletir é fazer uma flexão para trás, em direção a algo que já se passou, implicando uma cisão da totalidade organismo/ambiente. Desse modo, *awareness* pode ser pensada como um processo de configuração espontânea que emerge do campo organismo/ambiente.

Distinguindo-se de uma posição subjetivista, essa perspectiva implica uma compreensão que evita as categorias de pensamento tradicionalmente utilizadas em ciência para compreender o sujeito e sua relação com o mundo.

2 O problema do aparecimento e os riscos do subjetivismo

2.1 - A dimensão pática como indiferenciação

Straus (1935/2000) distingue *sensing* e percepção, atribuindo paticidade ao *sensing* e gnose à percepção. Ele discute a experiência sensorial de uma perspectiva existencial, isto é, *sensing* e percepção são ambas dimensões da experiência humana, dois diferentes modos de ser. Ele propõe que *sensing* é o modo primário da existência, que não pode ser pensada como separada do mundo. *Sensing* implica uma comunicação imediata com o mundo como totalidade originária. É um “modo de comunicação imediata, uma simpatia com o mundo que não contém nenhuma dimensão temática, isto é, nenhuma apreensão ou reflexão do lado do sujeito ou objetificação do lado do objeto” (Barbaras, 2004, p.220).

Strauss ressalta que, nessa perspectiva, não se pode aludir ao momento pático a partir de uma concepção que pense em objetos com propriedades que poderiam nos atingir em razão dessas propriedades. Se o momento pático fosse ligado ao objeto, ou seja, a algo que tendo passado pela consciência e mudado do estatuto de coisa para objeto, haja sido tematizado, categorizado, definido, analisado em suas propriedades intrínsecas, ele seria reintroduzido no domínio do conceitual e a distinção do gnósico e do pático seria rescindida. “O pático pertence ao estado do vivido mais originário; se ele é tão dificilmente acessível ao conhecimento conceitual, é porque ele é, ele mesmo, a comunicação imediatamente presente, intuitiva-sensível, ainda pré-conceitual, que temos com os fenômenos” (Straus, 1930/1992, p. 23).

Essa distinção feita por Straus nos conduz de volta a um tema central na base das diversas versões da fenomenologia e que está presente e vivo na psicologia. A psicologia, tomando o psiquismo em si mesmo como objeto, pode sofrer os maiores efeitos de um subjetivismo na forma de um psicologismo da vida e da existência; e eu ousaria afirmar que a Gestalt-terapia não está completamente imune a esse problema. Para que não percamos de vista o que é mais revolucionário nessa abordagem, considero crucial compreender que pensar em termos de campo não é compatível com uma perspectiva subjetivista. É também importante questionar o que significa “campo” para nós. Pensamos sujeito e mundo como correlatos? Consideramos essa correlação como a reunião de duas partes distintas que interagem? É o campo um campo comum, co-construído ou um campo perceptivo?

Essa discussão está implicada com o problema central da fenomenologia – o aparecer –, que na Gestalt-terapia se expressa na noção de formação de Gestalten, diretamente relacionada à noção de *awareness* e sua necessária diferenciação de *consciousness*, tal como compreendo (Alvim, 2014).

2.2. Aparecimento como emergência: a fenomenologia assubjetiva

O ponto principal de minha discussão está conectado ao preceito fenomenológico básico de que o aparecimento do fenômeno é a origem. No entanto, devemos nos perguntar o que é o aparecer. Se consideramos o aparecimento como aparecer para uma consciência; se consideramos que o sujeito - a consciência ou mesmo o corpo - é a origem e que o objeto é o correlato da consciência (noesis/noema), estamos mantendo o dualismo e os mesmos termos - em outro grau - do paradigma cartesiano que coloca sobre a matéria extensa a sombra da inércia e sobre o sujeito e a consciência e o poder de determinação da vida.

Tal como discute Renaud Barbaras, Jan Patocka considera que não se trata de reduzir o aparecer aos polos subjetivo e objetivo, pois o aparecer é a relação desses dois polos (nossa argumentação aqui encontra ressonância nos trabalhos de Merleau-Ponty e Barbaras, 2011). “O aparecer não é constituído por um sujeito nem explicável a partir do mundo; pelo contrário, é por ser aparecer, que o aparecer é aparecer de um mundo a um sujeito” (Barbaras, 2011, p.111). Patocka (1995), entretanto, considera que há um fundo constitutivo da própria aparição, fazendo com que toda aparição seja, ao mesmo tempo, coaparição do mundo. Nas palavras de Barbaras (2011), “O aparecer, como aparecer *no* mundo, tem como condição uma forma de aparecer *do* mundo” (p.111), ou seja, toda aparição se dá como destacando-se do mundo, que, como um fundo, engloba tudo. O sujeito não é somente uma parte do mundo, mas *é* mundo, ele não pode ser constitutivo, faz parte do mundo sem ser comparável a uma coisa qualquer. Sua relação com o mundo pode ser pensada, nesses termos, como co-condição ou co-determinação.

Para Patocka, o sujeito existe enquanto possibilidade, virtualidade de encontros possíveis com os outros entes. Quando o aparecer está polarizado por um certo ponto de vista, de um certo sujeito situado, há uma diferença entre a coisa que aparece e o aparecer propriamente dito; o sujeito tem como aptidão o movimento, que o permite desenvolver uma exploração disso que aparece e atualizar possibilidades. Barbaras (2011) afirma: “O sujeito envolvido no aparecer, que o codetermina, é necessariamente um sujeito situado e capaz de mover-se, ou seja, um sujeito encarnado, vivo.” (p.115). O movimento assume nessa perspectiva, assim como na perspectiva de Straus, um lugar de importância.

A subjetividade dos sujeitos não é o fundamento das aparições, mas está nela envolvida, *a subjetividade depende do aparecer no movimento*. “Os sujeitos só são possíveis no plano da aparição que torna possível algo como uma relação consigo mesmo, pois o relacionar-se consigo pressupõe uma

aparição” (Patocka, apud Barbaras, 2011, p.115, ênfase nossa). Nesse sentido é que a fenomenologia de Patocka consiste em uma “fenomenologia assubjetiva”.

2.3. Self como contato: a perspectiva assubjetiva da Gestalt-terapia

O caráter pático da existência implica esse relacionar-se consigo na dimensão do *sensing*. Como propõe Straus, *sensing* é “se sentir” no mundo. Nessas propostas fenomenológicas que enfatizam o domínio assubjetivo (ou anônimo) buscando afirmar a relação com o mundo como a origem, encontramos vários elementos que fazem ressonância com a perspectiva gestaltica: a concepção de campo organismo/ambiente como essa relação originária com o mundo; a concepção de que só há self quando há contato e que o contato começa quando há uma experiência de fronteira; a noção de fronteira de contato compreendida como o começo do aparecer, ou seja, como emergência no interior do campo de algo que é dado, “quebrando” o equilíbrio momentâneo e resultando em um processo de diferenciação no campo-mundo; o fato de que esse aparecimento implica a polarização de um ponto de vista (vivido corporalmente) e evoca uma exploração a partir do movimento (de ajustamento criativo, que pode ser compreendido como expressão, desde uma perspectiva merleau-pontyana e strausiana).

A proposta de pensar a Gestalt como uma fenomenologia da *awareness* (PHG, 1994) implica, a meu ver, considerar o aparecimento como algo que se manifesta a partir do campo, em uma totalidade existencial, onde há sentir, excitação e formação de *gestalten*. O campo organismo/ambiente, tal como o vejo, não se refere simplesmente a cada campo perceptivo individual, mas sim a uma dimensão compartilhada como um campo pático. Francesetti (2019) corrobora essa concepção ao descrever um campo fenomenal “o qual é sensorial, mas não ainda relacionado a qualquer tipo de objeto constituído de uma forma definida” (p.272, tradução nossa). Ele argumenta que o campo fenomenal não é nem objetivo nem subjetivo, existindo “entre e à volta do sujeito e do objeto (...) quase-coisas que constantemente vibram no entre” (p.274, tradução nossa).

Tendo em consideração as contribuições de Straus e Merleau-Ponty, assumimos a dimensão pática ou *sensing* como a dimensão originária da experiência que integra sujeito e mundo. Tal concepção está longe de representar um tipo de sensualismo ou uma dicotomia invertida que desconsidere o pensamento em favor das sensações⁴. O que pretendo é contribuir com essa discussão

4 Na introdução ao livro Gestalt-terapia, de PHG (1994), Isadore From e Michael Vincent Miller discutem uma divisão ocorrida durante o desenvolvimento da Gestalt-terapia nos EUA entre uma corrente que enfatiza o teórico e intelectual e outra que enfatiza o corpo e os sentidos. Essa segunda corrente gradualmente trilhou o caminho do centramento no self como uma espécie de sensualismo, ao que me refiro aqui como inversão da dicotomia.

propondo uma noção de integração que, repito, não seja uma confluência ou reunião de partes, mas baseada na ideia de diferenciação.

Tal como considero, o que é mais original na Gestalt-terapia é a compreensão de “*self* como contato” (PHG), o que significa ver a existência como passagem infinita de indiferenciação-diferenciação-indiferenciação, o que resulta da integração de sentir e mover. Assumir radicalmente uma perspectiva de campo significa considerar que o sujeito, o outro e o mundo emergem todos do mesmo fundo para diferenciar-se depois.

Do modo como proposto por Perls, Hefferline e Goodman (1994), mente corpo e ambiente tomados separadamente são abstrações da situação de interação. A realidade primeira é o contato em um campo organismo/ambiente, um estado originário de indiferenciação, do qual nos diferenciamos como sujeito singulares para então novamente retomarmos um estado de indiferenciação.

Merleau-Ponty sugere que “se pare de definir primordialmente o sentir pela pertencença à mesma consciência” (2000, p.138) e reforçamos aqui a ideia que no escopo dessa totalidade sujeito-mundo viva e dinâmica, governada pelo sentir e pelo irrefletido, a rivalidade das consciências e o necessário solipsismo da reflexão são precedidas por uma indiferenciação que caracteriza o âmbito do “pré”. Isso é o que nos permite afirmar a possibilidade de “sentir com”, contribuindo para ampliar a compreensão do que seja estar sintonizado com o outro, aspecto fundamental para pensar a psicopatologia e a clínica gestálticas *pathos* (Gecele, 2013; Francesetti, 2015; Alvim, 2017).

A ideia de que a origem da experiência está no âmbito do impessoal e anônimo, compreendido como uma generalidade do ser, dado no sentir, foi descrita como intercorporeidade (Merleau-Ponty), patividade (Straus) e reconheço essa ideia no conceito de campo da Gestalt-terapia, que é a base para a teoria do *self*, e mais explicitamente na noção de Id da Situação⁵. Todos esses teóricos discutem sentir e movimento como dimensões inseparáveis.

3. Sentindo-movendo-expressando como patividade

3.1. Integração sensório-motora

Como uma comunicação imediata, *Sensing* (empfinden) envolve uma dimensão pré-linguística da experiência e Straus (2000) atribui a essa

⁵ Robine (2004) enfatizou e aplicou esta noção no corpus teórico prático da terapia Gestalt. Para contribuir para as discussões contemporâneas sobre a teoria do *self* na terapia Gestalt, propus um maior desenvolvimento da noção de id da situação, explorando suas origens e promovendo uma discussão sobre sua importância para nossa abordagem clínica (Alvim 2016b). Este estudo propõe um diálogo com a fenomenologia, notadamente o pensamento de Merleau-Ponty, para refletir sobre a dimensão sensorial e pré-reflexiva da experiência, que caracteriza a id da situação e suas implicações para a prática clínica.

dimensão mais vital da experiência humana e animal o valor de domínio originário. Ele discute o tema da animalidade, assim como Merleau-Ponty (1995) e outros filósofos contemporâneos que questionaram o papel central atribuído ao sujeito – consciente ou inconsciente – e se dedicaram a pensar a vida e sua potência de movimento como um princípio ontológico, em outras palavras, como o fundamento de tudo o que é.

A vida não é apenas a clareza do mundo objetivo. De acordo com Straus (1935/2000) as experiências humana e animal encontram-se na dimensão pática do sentindo, dadas na relação animal-meio. Essa relação é estabelecida a partir de uma necessidade de crescimento, definindo um tipo de relação que funciona como uma polaridade de unir e separar que, por essa razão, envolve o movimento. Assim, o movimento está intimamente relacionado ao sentindo, uma dimensão motora é inerente à experiência, onde há sempre uma direção (de-para), uma atração ou repulsão, um ataque ou fuga. Straus discute experiência humana e animal – seres sensório-motores – como um movimento de aproximação e distanciamento, abertura e fechamento, que se dão como patividade. Em resumo, a relação com o mundo é definida como abertura e fechamento para o outro, onde *sensing* e movimento estão inter-relacionados.

O primeiro estágio da experiência sensorial é aquele de separação e união, cujas formas cardinais respectivas, nutrição e reprodução, são asseguradas pelo sentindo. O Ser sentiente vive no mundo e, como parte desse mundo, tende a unir-se com certas partes e separar-se de outras. Todo ato de separação ou união é já, na ordem da imanência, um ser-movido, ou ainda, um ser movendo. Conseqüentemente, movimento e sensação estão conectados um ao outro por uma íntima relação (...) (Straus, 1935/2000, p. 235, tradução nossa).

A relação íntima entre sentindo e movimento está envolvida com o engajamento do animal no campo ou situação, onde ele está imerso e de onde o movimento expressivo emerge. A experiência do sentindo é patividade que se dá em um tipo de imersão numa dada situação, onde sentindo, longe de ser imanente ao sujeito, envolve sua condição de ser situado, já que seja como for “a experiência é conectada à gravidade, ao ar, luz, espaço, distância, incorporação, a um encontro, à evitação” (Straus, 1952/1996, p.34). Unir-se ou separar-se é intrinsecamente conectado a movimento, o que confere ao campo uma dinamicidade envolvida com a temporalidade. As descrições feitas por Straus, caso não indicássemos sua autoria, poderiam ser atribuídas a PHG (1994), uma vez que são muito similares a seus desenvolvimentos nas primeiras

páginas do livro Gestalt - Terapia, em torno do contato.

A fronteira de contato marca o começo do processo de contato, um momento pático de afetação e movimento. Uma das dicotomias discutidas por PHG (1994) é aquela que se refere ao self e o exterior, mundo subjetivo e objetivo e está relacionada a um isolamento deliberado das funções sensória e motora. Eles criticam a psicologia por ter negligenciado a noção aristotélica que afirma que “em ato, no sentir, o objeto e o órgão são idênticos” (1994, p.12). Baseados em sua citação de Aristóteles, que colocam de um modo quase sinônimo “em ato” e “no sentir”, podemos concluir que durante a experiência, ao sentir e agir, não é feita distinção alguma entre o órgão (organismo) e o objeto (ambiente) e que sujeito e mundo, sensório e motor são inter-relacionados e não dicotomizados, o que está expresso na noção de contato.

Entendamos contatar, *awareness* e resposta motora no sentido mais amplo, incluindo apetite e rejeição, aproximar e evitar, perceber, sentir, manipular, avaliar, comunicar, lutar, etc. – todo tipo de relação viva que se dê na fronteira, na interação entre o organismo e o ambiente. Todo contatar desse tipo é o tema da psicologia (o que se denomina “consciência” parece ser um tipo especial de *awareness*, uma função-contato em que há dificuldades e demoras de ajustamento) (Perls, Hefferline, & Goodman, 1997, p. 44).

Neste trecho os autores descrevem diferentes dimensões da experiência como funções da fronteira de contato no campo organismo/ambiente, todas elas envolvidas na totalidade integrada contato, *awareness* e resposta motora. Ao final, entre parênteses, eles distinguem consciência desse processo, indicando que essa é um tipo especial de *awareness* que acontece quando há demoras no ajustamento, um argumento crucial para nossa discussão.

3.2 Expressão como aparecimento do mundo e do sujeito. O self da situação

Considerando *sensing* e movimento como intimamente relacionados, a expressão é compreendida aqui como uma emergência que permite o aparecimento do mundo e do sujeito ao mesmo tempo, o que significa dizer que o gesto expressivo implica generalidade e singularidade. Da perspectiva de Straus (1952/1996), movimentos expressivos são “variações de funções fundamentais na performance de como o indivíduo (humano ou animal) experiencia sua existência, seu ser-no-mundo, de um modo peculiar” (p.34). Os movimentos expressivos não podem, desse modo, ser compreendidos como a expressão de formas subjetivas ou respostas a estímulos. Ao contrário, eles são variações de funções fundamentais por meio

das quais o indivíduo vive a experiência existencial, tais como respiração, visão, corporeidade, interações e marcha. Essas variações podem ser compreendidas como estilo, um modo próprio de sentir, interagir, gesticular ou fazer contato que delinea a singularidade de cada ser, de um modo muito semelhante ao que Laura Perls (2012) discutiu.

Desse modo, compreendo que o “aparecimento”, ou seja, o fenômeno, desvela-se como expressão, como gestos espontâneos que expressam uma forma por meio de um estilo singular. A expressão não vem de dentro do sujeito, mas do campo. Não é o signo ou o símbolo de uma existência privada, mas uma emergência do campo, uma dimensão silenciosa, um domínio pré-linguístico e anônimo.

Como propõe Merleau-Ponty (1960), a expressão emerge do fundo da natureza, onde nada foi ainda dito ou simbolizado. A expressão artística é compreendida por ele como gesticulação espontânea, linguagem indireta que dá forma às vozes do silêncio. Desse modo, podemos afirmar que o ato criativo, como a arte, torna algo visível “o que é realizado através do homem, mas não é antropologia” (Merleau-Ponty, 2000, p. 245).

De acordo com essa compreensão, o que gera o movimento não é uma intenção anterior a ele. “(...) estar orientado em direção a um alvo não é distinto de avançar em direção a ele; o alvo se delinea à medida que o movimento se desdobra” (Barbaras, 2004, p.211).

Carmen Vázquez Bandín (2016) concebe o self como “uma potencialidade do campo que se desdobra em um processo temporal ou sequência quando um organismo contata seu ambiente, resultando em uma experiência na qual ambos foram co-participantes e co-criadores” (p.23)

Contato é *awareness* e resposta motora; expressar ou criar é descobrir-e-inventar, o que significa pensar em uma ação que sofre, como Perls, Hefferline e Goodman (1994) propuseram. O corpo é ao mesmo tempo poder de explorar o mundo e necessariamente “do mundo”. Ser afetado é intimamente relacionado ao excitamento e movimento, assim como à formação de gestalt. Nesse sentido, o processo de contato como ajustamento criativo é predominantemente pático, mesmo no que concerne às funções governadas pelas estruturas parciais do ego e personalidade. Entendemos self como “self da situação” (Wollants, 2015). Como um ser corporal do mundo, engajado na situação, eu sofro afecções silenciosas (*pathos*) e movo-me. É precisamente isso que é dado como uma articulação do campo e está aware, emergindo na forma de sentir e afetação, sentindo-movendo, que caracteriza o id da situação (Alvim, 2016a).

Concordo com Robine (2004) que a noção de id da situação consiste em uma proposição revolucionária que se contrapõe a uma concepção intrapsíquica, centrada no sujeito, para conceber uma psicologia fundada no campo. Essa noção

expressa o momento do pré-contato, um momento de indiferenciação que precede a diferenciação sujeito-ego, envolvendo a dimensão sensível, uma existência predominantemente corporal. Perls, Hefferline e Goodman referem-se ao id da situação como o que é dado na situação, indicando que o que é dado não é do sujeito, mas da situação, nos remetendo a uma dimensão comum da experiência, compartilhada de modo intercorporal.

Pensar no ego como espontaneidade motora implica, como dissemos antes, uma ação expressiva que acontece no modo intermediário, entre atividade e passividade (Perls, Hefferline e Goodman, 1994, p.22). A gesticulação espontânea e os movimentos emergem como expressão, de um fundo compartilhado que é composto não só pela dimensão id da situação, mas também pela função personalidade. Essa compreensão requer considerar que a dimensão sociocultural e simbólica está presente não como uma representação, mas principalmente como hábitos, que são compartilhados, como discutimos antes em outro trabalho (Alvim, 2016b).

O mundo social, intersubjetivo e intercorporal está presente em mim, no outro e nas coisas, tal como propõe Merleau-Ponty (2000). É uma espécie de fundo anônimo que compartilhamos e de onde brotamos em nossa singularidade e liberdade como diferenciação. Ela se apresenta em nossa corporeidade, em nossos gestos corporais, sendo intrínseco a nossos modos de ser e estar no mundo. Perls, Hefferline e Goodman (1997, p.43) enfatizam a força intrínseca desta dimensão social: “(...) não podemos considerar fatores históricos e culturais modificando ou complicando as condições de uma situação biofísica mais simples, mas como intrínsecos à maneira pela qual todo problema se nos apresenta” (p.29).

Em uma direção similar, Bloom (2016) recorre à noção husserliana de mundo da vida como o “pré-dado”, sobre o qual repousa a experiência atual, para discutir as funções de self.

Como pré-dado, o mundo da vida torna-se os dados do funcionamento do id e da personalidade, os quais carregam seus traços e são estruturados por ele. E em consequência disso, o funcionamento do ego é propriamente do mundo da vida, suas funções (de ego) são estruturadas por todas as funções do self, uma vez que o self como contatar emerge da fronteira do organismo/ambiente-mundo da vida (Bloom, 2018, p. 62).

Essa perspectiva que considera o mundo da vida é um fundamento para os desenvolvimentos

de Merleau-Ponty. Ao discutir a experiência de ver um objeto material no espaço concreto, assim como ver algo na imaginação, ele afirma: “no horizonte de todas essas visões ou quase-visões está o mundo mesmo no qual eu habito, o mundo natural e histórico, como todos os vestígios humanos de que ele é feito” (Merleau-Ponty, 2000, p. 17).

Os vestígios humanos aos quais ele se refere estão presentes nas sedimentações culturais que dão sustentação à presença humana com utensílios, signos, e compõem o fundo para a experiência de uma pessoa. As sedimentações culturais são compartilhadas com o outro, os vestígios humanos indicam a presença e a ação humana expressiva (veja Alvim, 2016a).

4 O encontro com o outro: o domínio ético-estético

O problema do outro pode ser abordado a partir da temática da expressão. É na patividade da existência, ou seja, como ser pático que existe como corporeidade numa situação dada que se dá o movimento expressivo. Os movimentos expressivos são compreendidos como variações das funções fundamentais do vivo e conferem uma certa universalidade e possibilidade de compreensão que é pré-reflexiva, pré-linguística nos permitindo encontrar no outro certa similitude e correspondência conosco que dispensa qualquer tipo de aprendizado prévio.

A comunicação no sentido envolve um “saber” imediato e pré-linguístico, desconectado de signos e produzido na imediaticidade do próprio ato de conexão com o mundo. “A compreensão do fenômeno expressivo humano está enraizada em uma comunalidade fundamental imediata anterior a todo conhecimento e irreduzível a ele” (Straus, 1935/2000, p.236). Essa comunalidade caracteriza a noção de id da situação, que pode ser compreendida como um solo comum, tal como exploramos em outro trabalho (Alvim, 2016a). É no âmbito dessa relação fundamental com o mundo, da qual ambos somos variantes, que encontro o outro e que posso “sentir com”. Esse outro, que jamais se apresenta de frente, mas de lado, ele é como uma “réplica de mim” (Merleau-Ponty, 1969/2002). Como um corpo movente e vidente, ele se dirige ao mesmo mundo que eu pensava ser apenas meu e por vezes parece ter nele o meu olhar, minha visão, meu centro e mostra que minha relação com o mundo pode ser generalizada (op.cit.).

A concepção merleau-pontyana de uma universalidade do sentir está, desse modo, fundada na dimensão *sensing* e na relação de co-presença, anunciando a noção de intercorporeidade como a possibilidade de generalização da relação corporal com o mundo. O domínio intercorporal proposto por Merleau-Ponty pode ser pensado como um domínio anônimo, onde há um tipo de aderência

ao mundo sensível compartilhado por todos. Tal ontologia desloca radicalmente a noção de uma subjetividade compreendida como mundo interior. Dialogando com a psicologia, Merleau-Ponty opõe-se ao subjetivismo psíquico, critica a concepção de uma interioridade que dê ao sujeito singular um mundo privado e exclusivo e uma psicologia na qual o psicólogo instalar-se-ia na posição de espectador absoluto.

Isso tem muita ressonância com as concepções da Gestalt-terapia, na qual o trabalho clínico exige retomar uma implicação com o outro dada na corporeidade, no âmbito pré-reflexivo. Esse eixo comum com o mundo “do outro” pode ser encontrado apenas na dimensão estética ou pática. Esse tema, que esteve presente desde a fundação da Gestalt-terapia e está implícito em seu corpo conceitual e método clínico, está expresso na ênfase no “como” da experiência, na forma e nos critérios estéticos (Perls, 2012; Miller, 1980, 2002, 2018; Robine, 2006; Francesetti, 2016; Lobb & Amendt-Lion, 2003, Bloom, 2003; Alvim, 2007, 2014).

É fundamental ressaltar que nossa experiência do outro não é só semelhança. Ainda que compartilhemos esse desenho geral e partilhemos essa relação fundamental com o mundo, eu e o outro somos variantes dessa relação e, como tal, somos singularidade e também diferença. A diferença do outro, em seu estilo e singularidade, também me interpela e me movimenta para criar, a experiência da alteridade está relacionada ao descentramento e à criação (Merleau-Ponty, 1969/2002). O diálogo é dialética e implica movimento e criação. Ainda que no diálogo eu encontre similaridade com o outro, como uma outra singularidade, o outro é também diferença.

Eu posso me ouvir nele e ele falar em mim, quando o que ouço vem inserir-se nos intervalos do que eu digo (...) mas para que o outro seja realmente um outro é necessário que nos encontremos na diferença e que isso gere uma transformação de nós dois, quando seu discurso que me escapa e me parece sem sentido tenha o poder de me abrir a outros sentidos e me refazer (Merleau-Ponty, 1969/2002, p. 176)

Nesse sentido, podemos remeter nossa discussão à experiência da fronteira, relacionada ao espanto e à patividade. A experiência de fronteira começa quando encontramos o outro e a novidade, tal como Robine (2004) propõe no título de seu livro, a psicoterapia deve ser compreendida como “*appearing on the occasion of an other*”, sendo “o outro co-criador da minha experiência”. Compreendemos assim que o terapeuta e o cliente se relacionem como eu e outro. A terapia não se trata de um processo que busque levar o sujeito a uma reflexão sobre si próprio, o que não seria possível,

pois esse eu, essa subjetividade que não pode ser tratada como objeto, também não é uma coisa como as coisas do mundo das quais ele ou o terapeuta possam se aproximar e explorar em um certo limite no campo da aparição. “A experiência de si não pode tomar a forma de uma percepção: enquanto movimento, o eu foge de si mesmo, está sempre para além ou fora de si” (Barbaras. 2011., p.123).

É aqui que a questão do outro surge com mais evidência para a nossa discussão. Para Husserl, a empatia é uma operação corporal; as discussões de Merleau-Ponty sobre o outro e a intercorporeidade implicam essa possibilidade de compartilhamento do sentir dado na relação de ambos com o mundo e o fenômeno da aparição. O que pode nos colocar em contato com a virtualidade, ou seja, com as infinitas possibilidades de encontro com os outros entes, nos singulares modos de atualização dados na ação. Em suma, é considerando o outro como outra subjetividade, como outro eu, que posso encontrar o outro e viver a experiência da empatia, que confere certa concretude para essa experiência subjetiva inapreensível e não objetivável que vivo. O outro também é ser de possibilidades, pode mover-se e gesticular em direção aos outros entes não humanos que fazem parte do mundo, e mesmo em direção a mim. Quando vejo o outro gesticular em direção ao mundo, que vivia como meu mundo privado, aquilo de mais subjetivo e inacabado toma forma. “O corpo em sua capacidade de movimento e gesticulação é atividade constituinte da subjetividade, sua condição de emergência” (Barbaras, 2011, p.118). É como um movimento gerado no contexto de uma relação que ocorre no mundo que podemos falar de um sujeito que, como tal, carrega um estilo, um modo singular de expressão.

Antes de discutir algumas das implicações que esse pensamento tem para a clínica, poderíamos apresentar brevemente alguns pontos que resumem este tópico:

- (1) É como um ser pático, como corporeidade numa dada situação que o movimento expressivo ocorre;
- (2) Movimentos expressivos são variações de relações fundamentais com o mundo, eles são gestos singulares que são variações de modos universais de ser no mundo;
- (3) O outro está sempre ao meu lado, ele é como uma replica de mim como corporeidade;
- (4) Como tal, eu e o outro temos um eixo comum com o mundo que permite a nós nos comunicarmos de modo pré-reflexivo e pré-linguístico;
- (5) Essa comunicação só pode ser alcançada no domínio pático ou estético, a partir dessa mútua implicação;
- (6) A empatia é uma operação corporal que pode dar concretude ao vivido, pático, pré-linguístico, à experiência não-objetivada;

(7) Como variação e singularidade o outro não é apenas comunalidade, mas também diferença, que se mostra em seus movimentos e gestos expressivos, carregados com um estilo único e que se dirigem a outros aspectos do campo, com outra perspectiva.

5. A prática clínica da Gestalt-terapia: a dimensão em-pática do encontro com o outro

Nossa prática clínica é orientada para a experiência aqui-agora, seguindo um princípio que convida os terapeutas a se concentrarem na estrutura concreta da situação, tal como foi proposto por Perls, Hefferline e Goodman (1994). No campo clínico, estamos em contato com a dimensão em-pática de encontrar o outro, o que implica sintonia e comunicação sensível. Essas dimensões são também parte dos fundamentos da perspectiva da psicopatologia fenomenológica: “Binswanger, tendo desenvolvido seu trabalho em íntima relação com o pensamento de Martin Heidegger, discutiu o fenômeno psicopatológico em termos de certa perturbação da presença” (Alvim, 2017, p.37). Essa perturbação envolve a perda de um eixo comum com o mundo do outro, tópico que tem sido discutido no pensamento gestáltico recente sobre a psicopatologia. Gecele (2013) afirma que quando o desenvolvimento falha em alcançar esse tipo de sincronicidade com o outro, o impulso vital é afetado. É nesse sentido que compreendo sua afirmação de que a impossibilidade de encontrar o outro é a chave para a compreensão do sofrimento depressivo (Francesetti, 2015; Gecele, 2013).

O trabalho clínico exige retomar uma implicação com o outro dada na corporalidade. O terapeuta concentra-se no “como”, orientado pelos “critérios” estéticos na experiência aqui agora e busca uma “escuta corporal” dada na experiência estética. Tal como discutimos (Alvim, 2016b, p.45) ao refletir sobre o corpo na clínica da Gestalt-terapia:

O trabalho com a corporeidade implica o terapeuta em uma escuta com o corpo, experiência que denomino estética, (...). A experiência estética distingue-se da leitura intelectual; é um tipo de percepção que se abre à experiência do outro, não o reduzindo a um objeto que conceituo, classifico ou interpreto.

As implicações da noção de id da situação para o pensamento clínico nos levam a considerar que o terapeuta e o cliente não são dois numa relação partes extra partes, mas comungam de um domínio comum que não está localizado no interior e subjetivo, mas deslocado para o exterior do sujeito, para a situação. Envolvendo um caráter de indeterminação e impessoalidade, o id da situação pode ser pensado como um domínio de indiferenciação originária

de sujeito e mundo que está na origem de toda experiência. A experiência estética do terapeuta é uma experiência pática e a proposta de trabalhar a partir do id da situação revela nossa compreensão de que o self ou a subjetividade não é um objeto a ser explorado, mas sim um movimento expressivo que emerge em nosso encontro com o outro, a partir de um diálogo pré-linguístico que resulta numa co-criação de formas desenhadas com o outro.

Rolnik (2004) descreve dois modos de apreensão do mundo: como desenho de forma ou como campo de forças. Podemos pensar na percepção e na formação de figura como um desenhar que emerge desse campo de forças, o domínio do pático e do movimento expressivo de gesticulação. Strauss (1935/2000) afirmou que “o mundo não linguístico do sentir é um mundo perfeito” (p.239) e que perdemos esse mundo perfeito e paradisíaco porque em nossa experiência é inevitável a formação de formas. Rolnik argumenta que a forma pode se tornar “um obstáculo para integrar as novas conexões que provocaram a emergência de um novo bloco de sensações” (Rolnik, 2004, p. 232).

Tal como compreendo, a forma emerge de um campo de forças, o reino do pático, da expressão como movimento espontâneo e gesticulação. A inevitabilidade de que haja formação de uma forma, no sentido do aparecimento de um objeto, categorizado, nomeado é uma característica da experiência humana. O domínio da gnose, onde processos categoriais e representacionais como o pensamento e a linguagem direta estão implicados, pode tornar-se um obstáculo para a emergência de novas formas, impedindo o movimento plástico do processo de formação de formas ou configuração. Esse é um risco importante também em relação ao cliente e terapeuta. O risco aqui seria perder o pático em prol do gnóstico, mantendo a atividade e permanecendo distante e desconectado do outro e do eixo comum com ele.

Francesetti (2019), ao discutir as implicações da teoria de campo para a prática clínica, propõe uma distinção entre o que ele denomina campo fenomenal e fenomenológico. O campo fenomenal é *pathos* como sofrer e afetação e o campo fenomenológico é percepção e está implicado com a curiosidade, a qual ele qualifica como um movimento ativo. Ele postula um jogo entre atividade e passividade, aproximação e afastamento (sem que afastamento signifique ausência de contato da parte do terapeuta) e desenvolve um modelo didático para descrever “a unidade experiencial do ato terapêutico *“HARP - Human Attunement, Resonance and Presence”* (p.11), onde os campos fenomênico e pático correspondem aos dois primeiros passos do modelo e o “campo fenomenológico” corresponde apenas ao último passo “presença”. Poderíamos dizer que nesse último passo a diferenciação do terapeuta como ego, implicando curiosidade e liberdade,

como ele propõe, descreve uma qualidade mais ativa de funcionamento, onde “presença” pode ser compreendida do ponto de vista da fenomenologia clássica como presença à consciência. Nesse modelo, a presença está fundada na dimensão pática da sintonia e da ressonância e ele nos adverte sobre os riscos do terapeuta, ficando identificado com o campo fenomenal, “repetir a velha história com a ilusão de a estar mudando” (p.8), o que pode ser visto como um tipo de fenômeno de confluência. Reconheço os riscos da confluência quando o terapeuta está exclusivamente dirigido à paticidade e corroboro a necessidade de um movimento, por parte do terapeuta, entre paticidade e percepção. Manejar esse ritmo é um tipo de arte e improvisação, como discutido por Miller (2002).

Robine (2015) nos alerta para os riscos de uma prematura diferenciação do campo, o que representaria uma formação de Gestalt prematura. Enfatizando a escuta corporal como experiência estética ou pática, tento evitar essa atenção prematura à forma e sublinhar a necessidade de ser mais orientado para os fenômenos de pré-contato, para o pequeno, sutil e implícito. Desse modo, proponho mais atenção aos efêmeros e micro-processos que parecem ser periféricos e não tão importantes. José Gil, um filósofo português contemporâneo, investigou as pequenas percepções, às quais se referiu como “pequenas impressões” (Gil, 1996), que são as sensações mínimas e quase imperceptíveis que acompanham uma configuração de forma. As discussões de Gil implicam considerar essa dimensão quase imperceptível que não é nem consciente, nem inconsciente, algo que poderia ser pensado como zona de fronteira (ou zona do entre). Ele as denomina “fenômenos de limiar” (Ibid., 1996, p. 11), considerando as pequenas percepções aquelas que ocorrem na fronteira entre campos bem definidos, relacionados a fenômenos que não têm muito espaço para operar, tais como força, identificação, corpo vivido. Esses são espaços nos quais não há definições claras, mas sobreposições, interseções, etc., que dependem do movimento das pequenas percepções.

O que gostaria de sublinhar aqui é que essa descrição nos conduz às qualidades efêmeras e sutis da experiência aqui e agora, assim como à sua dimensão sensível mais fina. Todos esses fenômenos são produzidos no campo e tudo que emerge daí envolve o terapeuta e o cliente, sendo o ponto de partida de nosso trabalho. Michael Vincent Miller propõe que “ficar com a atualidade vital do momento presente é um princípio ético de transformação e uma posição ética” (Miller, 2002). O que significa um convite para a presença; ficar com aquilo que é dado no campo, nessa dimensão pática, sentido o que acontece e como isso te afeta e te transforma, como isso gera movimentos espontâneos em direção ao momento seguinte.

Considerações Finais

Como uma conclusão breve, poderíamos endereçar nossa discussão ao mundo contemporâneo, a fim de demonstrar a atualidade desta discussão e enfatizar sua importância para a Gestalt-terapia. Estamos atravessados por uma radical força do solipsismo cartesiano, marcada pelo individualismo em suas diferentes versões; por uma internalização do self, pelo racionalismo e pela rejeição da dimensão sensível como um resultado da dessensibilização e objetificação do corpo; a velocidade e sobrecarga de atividade produtivas nos mantém mais e mais distantes da experiência no mundo com o outro e da possibilidade de conceber e compreender modos de pensar que se desviam desse modelo solipsista.

A noção de *pathos*, comumente associada à doença e sofrimento, tem uma amplitude muito mais ampla do ponto de vista filosófico, como tentamos demonstrar. As pesquisas de Straus a esse respeito têm a força de nos conduzir, no campo da psicologia, a um sentido mais alargado dessa noção como um princípio fundador e uma força diretora da vida.

Implicados mais com o fundo do que com a figura, ou melhor, com a relação figura-fundo, a Gestalt-terapia não lida com objetos ou explicações, mas com uma estrutura temporal-espacial e com a efemeridade da experiência humana em sua paticidade. Permanecer nesse campo de afecções exige abertura e disposição para lidar com o imprevisível e com a diferença do outro, aberto para sofrer, no sentido de ser afetado. Essa disposição é intrínseca a uma “ética da lentidão e da alteridade” (Alvim & Castro, 2015). Recorro à prosa poética de Clarice Lispector em *Água Viva* (2012) como uma inspiração para concluir pensando no nosso encontro com o outro na imediaticidade da vida. Esse encontro não é sobre claridade ou coincidência, mas sobre uma esperança de compreensão.

“A vida oblíqua? Bem sei que há um desencontro leve entre as coisas, elas quase se chocam, há desencontro entre os seres que se perdem uns aos outros entre palavras que quase não dizem mais nada. Mas quase nos entendemos nesse leve desencontro, nesse quase que é a única forma de suportar a vida em cheio, pois um encontro brusco face a face com ela nos assustaria, espantaria os seus delicados fios de teia de aranha. Nós somos de soslaio para não comprometer o que pressentimos de infinitamente outro nessa vida de que te falo”.

Clarice Lispector

Referências

- Agamben, G. (2017). *O uso dos corpos*. São Paulo: Boitempo
- Alvim, M. B. (2007) Aesthetic Experience and Embodiedness. *International Gestalt Journal*, 30 (1) 53-68.
- Alvim, M. B. (2014). *Awareness: experiência e saber da experiência*. In L. M. Frazão & K. O. Fukumitsu (Orgs.), *Gestalt-Terapia: conceitos fundamentais*. (Coleção de Gestalt-terapia: fundamentos e práticas, vol. 2). São Paulo: Editora Summus.
- Alvim, M. B. (2016a). Id of the situation as the common ground of experience. In J. M. Robine (Orgs.), *Self: A Polyphony of Contemporary Gestalt Therapists*. Bordeaux: L'Expressimie.
- Alvim, M. B. (2016b). O lugar do corpo e da corporeidade na Gestalt-terapia. In: L. M. Frazão & K. O. Fukumitsu (Orgs.), *Modalidades de intervenção clínica em Gestalt-terapia*(vol. 4, pp. 27-55). São Paulo: Summus.
- Alvim, M. B. (2017). Transtorno bipolar, temporalidade e conexão com o outro: reflexões preliminares. In L. M. Frazão & K. Fukumitsu (Org.). *Quadros clínicos disfuncionais e Gestalt-terapia*(1.ed., pp. 45-74). São Paulo: Summus.
- Alvim, M. B. & Castro, F.G. (Org.). (2015). *Clínica de Situações Contemporâneas: Fenomenologia e Interdisciplinaridade* (1.ed., vol. 1. 227p.). Curitiba: Juruá.
- Alvim, M. B. & Molas, A. (Orgs.). (2017). *A potência política do corpo. Expressão e transformação: arte e clínica com crianças e jovens na Mangueira*. Curitiba, PR: Editora CRV.
- Barbaras, R. (2000). Merleau-Ponty et la Nature. In : Barbaras, R. (Org.) *Merleau-Ponty: de la nature à l'ontologie*, Chiasmi International, pp. 47-62. Milano/Paris/Memphis: Mimesis/Vrin/University of Memphis.
- Barbaras, R. (2004). Affectivity and movement: The sense of sensing in Erwin Straus. *Phenomenology and the Cognitive Sciences*, 3 (2), 215–228.
- Barbaras, R. (2011) *Investigações fenomenológicas: em direção a uma fenomenologia da vida*. Curitiba: Ed. UFPR.
- Barbaras, R. (2013) Le mouvement du monde et le problème de l'apparaître. *Philosophie*, 118 (3), *Patocka et la question du monde*, 21-33. Paris: Les éditions de minuit.
- Barbaras, R. (2013a). *Dynamique de la manifestation*. Paris: Vrin.
- Bloom (2003). “Tiger! Tiger! Burning bright” – Aesthetics values as clinical values in Gestalt Therapy. In: Lobb, M.S. & Amendt-Lion, N. (Eds). *Creative License: The art of Gestalt Therapy*. Austria: Springer-Verlag Wien New York
- Bloom, D. (2018). A Função Relacional do Self: o funcionamento do self do plano mais humano. In J. M. Robine (Org.), *Self: Uma polifonia de Gestalt terapeutas contemporâneos*. São Paulo: Escuta.
- Francesetti, G. (2015). The emergent suffering: field perspective on psychopathology in Gestalt Therapy. In G. Klaren; N. Levi; & I. Vidakovic (Orgs.), *Yes we care! Social, political and cultural relationship as therapy's ground, a Gestalt perspective*. Netherlands: EAGT office.
- Francesetti, G. (2016). “You cry, I feel pain” The emerging, co-created self as the foundation of anthropology, psychopathology and psychotherapy in Gestalt Therapy. In: J. M. Robine (Orgs.), *Self: A Polyphony of Contemporary Gestalt Therapists* (1.ed., pp. 317-336). Bordeaux: L'Expressimie.
- Francesetti, G. (2018, in press). The Field Strategy in Clinical Practice: Towards a Theory of Therapeutic Phronesis. In: Brownell, P.(org.). *Handbook for Theory, Research and Practice in Gestalt Therapy*. United Kingdom:Ed. Cambridge Scholars Publishing.
- Francesetti, G.; Gecele, M.; & Roubal, J. (2013). *Gestalt Therapy in Clinical Practice: From Psychopathology to the Aesthetics of Contact* (Gestalt Therapy Book Series 2). [Kindle version]. Italy: Istituto di Gestalt HCC.
- Gecele, M. (2013). Bipolar Experiences. In G. Francesetti; M. Gecele; J. Roubal (Eds.), *Gestalt Therapy in clinical practice: from psychopathology to the aesthetics of contact*. Siracusa, Italy: Istituto di Gestalt HCC.
- Gil, J. (1996). *A imagem nua e as pequenas percepções: estética e metafenomenologia*. Lisboa: Ed. Relógio D'água.
- Griffero, T. (2016). *Outside feelings, atmospheres as quasi-things*. Paper presented at the International Conference The Aesthetic of Otherness: meeting at the boundary in a desensitized world, Taormina, AAGT, EAGT, SIPG. Retrieved from: http://www.taorminaconference2016.com/gconference/griffero_presentation.pdf.
- Heidegger, M. (1991). *What is that – Philosophy?* (E. T. H. Brann, Trans.). Maryland, St. John's College.

- Lispector, C. (2012). *Água Viva*. (S. Tobler, Trans.; B. Moser, Ed.). New York: New Directions Book.
- Maldiney, H. (1973). *Regard, Parole, Espace*. Lausanne: Editions L'Age d'Homme.
- Merleau-Ponty, M. (1948/2004). *The world of perception*. New York: Routledge.
- Merleau-Ponty, M. (1960). Le langage indirect et les voix du silence. In *Signes* (chap. 1). Paris: Les Éditions Gallimard, Collection NRF.
- Merleau-Ponty, M. (1964). *L'œil et l'esprit*. (Collection Folio / Essais). Paris: Les Éditions Gallimard.
- Merleau-Ponty, M. (1969/2002). *A prosa do mundo*. São Paulo: Cosac&Naify.
- Merleau-Ponty, M. (1995). *La Nature: Notes cours du collège de France*. Paris: Éditions du Seuil.
- Merleau-Ponty, M. (2000). *O visível e o invisível*. São Paulo: Perspectiva.
- Merleau-Ponty, M. (2014). *Signes*. Paris: Ed. Gallimard.
- Miller, M.V. (2002). The aesthetics of commitment: what Gestalt therapists can learn from Cézanne and Miles Davis. *The International Gestalt Journal*, 25 (1), 109-122.
- Miller, M. V. (2018) *La poétique de la Gestalt-thérapie*. Bourdeaux: L'Exprimerie.
- Lobb, M. S. & Amendt-Lion, N. (Orgs.). (2003). *Creative license: the art of Gestalt therapy*. Austria: Springer-Verlag Wien.
- Oele, M. (2012). Heidegger's Reading of Aristotle's Concept of *Pathos*. *Epoché: A Journal for the History of Philosophy*, 16 (2), 389-406. Retrieved from: <http://repository.usfca.edu/phil/18>.
- Perls, F. S.; Hefferline, R.; Goodman, P. (1994). *Gestalt Therapy: Excitement and Growth in the Human Personality* (Rev. ed.). (p. 149). [Kindle version]. Gouldsboro: The Gestalt Journal Press.
- Perls, F. S.; Hefferline, R.; Goodman, P. (1997). *Gestalt-terapia*. São Paulo: Summus.
- Perls, L. (2012). *Living at the Boundary*. Gouldsboro: The Gestalt Journal Press.
- Robine, J. M. (2004). *S'apparaître à l'occasion d'un autre*. Bourdeaux: L'Exprimerie.
- Robine, J. M. (2006). *La psychothérapie comme esthétique*. Bourdeaux: L'Exprimerie.
- Robine, J. M. (2015). *Social Change Begins with Two* (Gestalt Therapy Book Series 3). [Kindle version]. Italy: Istituto di Gestalt HCC.
- Rolnik, S. (2004). Fale com ela ou como tratar o corpo vibrátil em coma. In: Fonseca, T.M.G.& Elgenman, S. (Orgs). *Corpo, arte e clínica*. Porto Alegre: Editora da UFRGS
- Straus, E. (1930/1992). Les formes du spatial. In *Figures de la subjectivité: approches phénoménologiques et psychiatriques*. (Études réunies par Jean-François Courtine). Paris: Éditions du CNRS.
- Straus, E. (1935/2000). *Du sens des sens: Contribution à l'étude des fondements de la psychologie*. (G. Thinès & J. P. Legrand, Trans.). Paris: Milion.
- Straus, E. (1952/1996). *Le soupir: Introduction a une théorie de l'expression*. (J. M. Robine, Trans.). Mini-Bibliothèque de Gestalt-Thérapie, 79. Sain Roman la Virvée, IFGT.
- Vázquez (2016). "Like a river flowing, passing, yet ever present" The theory of self in Gestalt Therapy In J. M. Robine (Org), *Self: A Polyphony of Contemporary Gestalt Therapists*. Bordeaux: L'Exprimerie.
- Wollants (2015) The self of the situation. In J. M. Robine (Org.), *Self: A Polyphony of Contemporary Gestalt Therapists*. Bordeaux: L'Exprimerie

Mônica Botelho Alvim é docente e pesquisadora no Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Tem Graduação, Mestrado e Doutorado em Psicologia pela Universidade de Brasília (UnB). Pós-Doutorado em Filosofia Contemporânea na Universidade Paris 1, Panthéon-Sorbonne. Membro fundador do Instituto de Gestalt Terapia de Brasília, membro do corpo editorial da *Revista da Abordagem Gestáltica*, editora da revista Arquivos Brasileiros de Psicologia e coordenadora do NEIF ECS - Núcleo de Estudos Interdisciplinares em Fenomenologia e Clínica de Situações Contemporâneas. Email: mbalvim@gmail.com

Recebido em 07.08.2022

Aceito em 20.12.2022